

# A possibilidade do ensino de projeto arquitetônico:<sup>1</sup>

depoimento de  
Daniele Vitale\*

Entrevistadores

Júlia Coelho Kotchetkoff,  
Joubert J. Lancha\*\*

\*Daniele Vitale é Arquiteto, formado no Politécnico de Milão em 1969, teve Aldo Rossi como orientador. Colaborou por diversos anos com Ignazio Gardella, mestre da arquitetura italiana. Atuou como arquiteto e docente, preocupando-se, simultaneamente, com projeto, crítica e teoria. Trabalhou em Milão, em diversos países europeus, na América Latina e nos Estados Unidos. Foi responsável pelo Doutorado em Composição Arquitetônica do Politécnico de Milão por doze anos.

\*\* Júlia Coelho Kotchetkoff é Arquiteta e Urbanista, possui Mestrado defendido junto ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP - trabalho realizado com bolsa CNPq, sob orientação do Prof. Dr. Joubert Lancha (IAU.USP) e coorientação da Prof.ª Dr.ª Maria Madalena Pinto da Silva (FAUP - Portugal), ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-2283-4754>>. Joubert José Lancha é Arquiteto e Urbanista, Professor e atual Diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU USP, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-1690-6857>>.

**N**o contexto de um exame da situação do ensino na escola, é convidado um avaliador externo, internacional, para conceder observações desde um ponto de vista mais amplo. Aproveitando a questão em pauta, debatida inclusive em palestra conferida pelo arquiteto, e a ampla experiência deste profissional, elaborou-se uma série de perguntas para Daniele Vitale, acerca de suas considerações sobre a possibilidade de se ensinar projeto de arquitetura. Ao responder, o arquiteto compartilha um pouco de suas experiências pessoais, enquanto docente e enquanto aluno. O fato de um de seus principais mestres ter sido o próprio Aldo Rossi confere amplo interesse ao que discorre, e permite um contato mais próximo com o pensamento deste grande ícone da arquitetura.

## Como professor e arquiteto, você acredita que é possível ensinar desenho arquitetônico? Se sim, o que é possível ensinar?

Acredito que é uma questão que precisa ser vista de um ponto de vista histórico. Creio que o ensino no campo do projeto sempre existiu e mudou muito com o tempo. Talvez os princípios que herdamos e utilizamos nas escolas venham do século XIX, principalmente do final dele, quando foram fundadas as escolas politécnicas, um processo que começou em Paris, na França, no fim do século XIX, com a Revolução de 1789 e depois. O modelo das escolas politécnicas se difundiu em toda a Europa, era uma nova maneira de ensinar arquitetura, que tinha uma relação muito particular com as técnicas. A educação dos engenheiros começou com o ensino das artes militares, os problemas de defesa e das fortificações e depois passou para outros campos, aos campos civis. Esse é um tipo de ensinamento. Depois houveram outros tipos, por exemplo o modelo das Academias de Belas Artes, onde se ensinava através, sobretudo, do desenho, da pintura e do conjunto das artes. Esses se tornaram como dois modelos que se unificaram parcialmente.

<sup>1</sup> Entrevista realizada no dia 09 de setembro de 2015, no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, em São Carlos, pela aluna de mestrado Júlia Coelho Kottchetkoff, em conjunto com seu orientador Prof. Dr. Joubert J. Lancha. A questão do ensino fora razão para a visita do professor ao instituto, e tema de sua palestra "O Risco de Ensinar", conferida no dia 03 de setembro de 2015.

Penso que sim, é possível ensinar arquitetura e que é também possível ensiná-la por meio de um patrimônio muito grande de reflexão, porque há como distintos caminhos dentro da arquitetura. Existe a prática da representação e do desenho, que na verdade é autônoma no que diz respeito às construções, ao mundo das construções. Há também o mundo construído, que é outra fonte para aprender. E há também um grande patrimônio de pensamento e de reflexão que é passado, por exemplo, por meio dos tratados. Então, todas essas são coisas a aprender que não podemos mesclar porque são como mundos, experiências e realidades distintas.

Mas o ensino no campo do projeto, creio que se possa fazer. Ele tem um aspecto particularmente difícil porque o projeto possui ao menos uma parte individual e uma que se refere a uma postura geral e cultural e que é como uma grande herança para a qual o professor e o arquiteto recorrem. E então há o problema de que o professor possui influência sobre o aluno. E a verdade é que é um problema do qual já tentaram escapar muitas escolas e muitos grandes professores. A partir por exemplo de Gropius, existe essa teoria do método, de que o professor teria que ensinar o método e não o conteúdo de arquitetura, não um mundo formal. Eu penso que isso é um pouco como rejeitar o problema em uma esquina, e não... é como uma máscara. Rogers, por exemplo, que era um grande homem de cultura no campo da arquitetura, na Itália, era o diretor de uma revista importante, Casabella, havia herdado essa teoria do método e praticamente dizia que o que deveríamos fazer era defender a liberdade do estudante. O fato é que o professor influencia também quando não quer, e também quando pensa não o estar fazendo, o estudante. Então temos que distinguir, porque há tipos bons e ruins de influência. Essa é outra questão sobre a qual teríamos de raciocinar e que é bastante difícil. Mas creio que o professor tem que ensinar, tem que ter influência sobre o aluno, e deve saber quando se retirar, e quando o ensinamento vem da realidade, dos edifícios, dos tratados e muito menos feito por parte do professor.

Deve se ensinar a teoria, ou melhor, o pensamento, porque não sabemos se na arquitetura existe de verdade uma teoria. Então é a reflexão, o pensamento sobre a arquitetura. É importante que se ensine também os grandes contrastes, as grandes contraposições no campo da arquitetura. Vitruvius e Alberti possuem duas posturas muito diferentes, que nos concernem também, são como posturas que duraram muito tempo. Então, um bom ensinamento deve transmitir muitas coisas distintas, creio eu, a partir das reais divisões criadas no campo da cultura arquitetônica. Por assim dizer, a reflexão, a representação e a realidade construída são como mundos distintos. E é um esforço impróprio tentar entrelaçá-las demasiadamente. Porque são como realidades que se enfrentam e se chocam uma contra a outra.

### **Quais as relações e diferenças entre o modo como sua formação ocorreu e o que agora ensina a seus alunos?**

Bem, é uma situação que mudou bastante. Além disso, existe o problema das gerações, que é importante. Porque toda geração tem uma cultura e uma maneira particular de ensinar, de acordo com as situações históricas. Quanto aos professores, há algo que muda não só no tempo nem só geograficamente, de acordo com as distintas culturas existentes. Existe uma geografia cultural, não só uma geografia física.

Eu frequentei uma escola em um momento muitíssimo particular. Sou de uma geração nascida ao final da Segunda Guerra Mundial. Quando entrei para a escola de arquitetura era o início dos anos 60, então uma situação particular era vivida, na qual a velha escola sobrevivia, que era uma escola acadêmica e profissional. Fundamentalmente era uma escola muito ruim, muito dogmática, que se referia somente aos problemas práticos. Vivi, ao mesmo tempo, a transformação da escola, que estava muito ligada, conectada ao movimento estudantil. Porque ocorreu uma grande revolução cuja conclusão, não a conclusão em si, mas o ápice dela ocorreu em 1968. A escola foi ocupada diversas vezes. Mas na arquitetura houve um movimento distinto com relação às outras escolas. Porque o movimento estudantil nas escolas de arquitetura muito se ocupou com o ensino, tentando transformar o modo como se ensinava. Houve uma espécie de aliança entre um grupo de professores democráticos, homens de cultura, entre eles, por exemplo, Rogers, o professor que citei anteriormente, ou Aldo Rossi, que foi sobretudo meu professor. E foi revolucionado o ensino, com a ideia de que a escola deveria organizar-se a partir das tendências, das posturas culturais dos professores. E alterou-se o modelo de ensino, de modo a tornar a relação entre professores e alunos muito próxima. Mas, sobretudo, determinando que os estudantes deveriam participar de uma investigação e não só aprender através de uma transmissão provinda dos professores. Essa foi uma mudança muito importante. Meu mestre, meu professor foi Aldo Rossi, dele aprendi muitíssimo.

Hoje a situação é muito diferente, uma vez que as posturas são menos diretas e menos entrelaçadas, porque há um individualismo muito grande no campo da arquitetura e no campo do projeto também. Então as posturas gerais e culturais a respeito da arquitetura passaram a ser menos reconhecíveis, talvez. E o ensino é como um problema que tem se complicado. Este é um momento de decadência das escolas de arquitetura e esse é um ponto que temos que ter em conta. Isto é, vivemos uma crise muito forte das escolas e do ensino. Mas eu penso que os professores têm, em todo caso, uma grande responsabilidade, que essa responsabilidade muda com as gerações, com os professores das distintas gerações. E, sobretudo, mudou muito a cultura do ponto de vista dos estudantes. Quando comecei a ensinar era muito jovem, logo depois de obter meu diploma. Havia uma relação muito direta e pessoal com os estudantes. Porque era como se nossas culturas e as gerações fossem muito próximas. Hoje em dia isso mudou porque a geração dos jovens tem experiências muito distintas das pessoas da minha geração e, creio eu, mais dificuldade de nos entender. Mas eu creio que esse ponto é importante, isto é, o intercâmbio entre as gerações. Uma cultura, o ensino e uma boa escola fundamentam-se sempre no intercâmbio entre as gerações, entre as gerações mais velhas e mais jovens. E isso é algo que os jovens têm que aceitar. É mais difícil para os jovens aceitarem que para os que pertencem a uma geração mais antiga. Mas é um ponto fundamental, esse intercâmbio entre as gerações.

### **Qual a diferença fundamental entre estudar sozinho, unicamente acompanhado de livros e aprender de um professor?**

Essa é uma questão difícil porque, por exemplo, meu professor, Aldo Rossi, que era jovem quando foi meu professor e eu era ainda mais jovem, é como se ensinasse pensando que o ensino verdadeiro teria que vir da realidade, do mundo construído e sobretudo da cidade. Era uma postura que se difundiu muito, se difundiu sobretudo na Itália, mas em outros países também. Foi como uma investigação internacional,

ou ao menos europeia. A ideia era que era a cidade que tínhamos que estudar e a realidade da qual devíamos aprender. Então era como uma posição, por certos aspectos, positivista, realista. A ideia, o professor, contavam, seguramente, mas, todavia, o que mais contava era a cidade como uma grande realidade construída, como arquitetura ela mesma. Então a mitologia era que o ensinamento pessoal deveria ser menos forte.

Depois sua postura mudou muito, porque sua maneira de projetar, que já era, fundamentalmente, também muito individual, acentuou esse caráter individual. Era um individualismo que tinha como que uma herança muito importante do passado, contudo Rossi projetou de uma maneira sempre mais pessoal. Eu pertenço aos estudantes que aprenderam na primeira fase de Rossi, essa mais positivista que era representada, por exemplo, pelo primeiro livro dele, "A arquitetura da cidade". Essa é uma maneira de colocar o problema do ensino. E outro problema é o de como construir um mundo formal. Outro ensinamento é como esquecer esse problema do mundo formal, das seleções formais no campo da arquitetura. Depois esse problema foi colocado como muito importante, fundamental. Aí reside o problema muito mais importante da influência do professor.

Acredito que individualmente é muito difícil aprender, visto que não é através do individualismo, através de uma relação que é passada somente através dos livros que se pode aprender. Os livros, creio eu, não são suficientes, um pouco pelo que disse anteriormente. Quero dizer que a realidade da arquitetura está constituída de mundo distintos. Os livros são como o mundo do pensamento, e só parcialmente, por exemplo, concernem ao mundo da representação. O tratado de Palladio, os quatro livros de Palladio tem sempre uma página escrita e outra com desenhos. A verdade é que a página escrita e a com desenhos se comunicam relativamente, mas são como duas realidades que se enfrentam. Então os livros são como somente uma parte da arquitetura, não a representando completamente. E não se pode aprender arquitetura somente através de livros. Se aprende arquitetura também através dos professores. Particularmente não acredito muito também na postura de Le Corbusier. Le Corbusier depreciava um pouco as academias, as escolas de arquitetura e pensava que o ensino deveria coincidir com a experiência. Isto é, a viagem, por exemplo, o contato direto com as grandes obras da arquitetura, ou com os monumentos, com a relação com a cidade, uma ideia do que há de vir, de futuro. Contudo, Le Corbusier, que deu uma apresentação na América do Sul e na América Latina muito famosa a respeito do problema do ensino, na qual entra muito no mérito de como ensinar, mas fundamentalmente desejava uma presença reduzida de um professor. Então essas são duas posturas distintas: a do método, a que pensa que o mundo formal é parte do ensinamento, que há ensino também de natureza formal, e a postura de Le Corbusier, que diz que é através de uma experiência direta e pessoal que cada um constrói sua própria postura e sua experiência no campo da arquitetura. São posturas distintas.

Versão em espanhol

### **La posibilidad de la enseñanza del diseño arquitectónico: testimonio de Daniele Vitale**

En el contexto de un examen de la situación de la educación en la escuela, se invita a un evaluador externo, internacional, para dar comentarios desde un punto de vista más amplio. Aprovechando el tema en cuestión, el cual incluso se discutió en una conferencia dada por el arquitecto, y la amplia experiencia de este profesional, se ha desarrollado una serie de preguntas para Daniele Vitale, sobre sus pensamientos sobre la posibilidad de la enseñanza del diseño arquitectónico. En respuesta, el arquitecto comparte algunas de sus experiencias personales como maestro y estudiante. El hecho de que uno de sus principales maestros ha sido el propio Aldo Rossi da amplio interés para lo que habla, y permite un contacto más cercano con el pensamiento de este gran icono de la arquitectura.

#### **¿Cómo profesor y arquitecto, usted cree que es posible enseñar el diseño arquitectónico? ¿Y, si es así, lo que se puede enseñar?**

Yo pienso que es una cuestión que tenemos que ver desde un punto de vista histórico. Yo creo que la enseñanza en el campo de proyecto existió siempre, y cambió muchísimo en el tiempo. Quizás los principios que nosotros hemos heredado ahora en las escuelas vienen del XIX e sobretudoo del final del XIX, cuando se fundaron las escuelas politécnicas, un proceso que empezó en París, en Francia, al final del XIX, con la revolución de 1789, y después. El modelo de las escuelas politécnicas se difundió en toda Europa, y esto era una manera nueva de enseñar arquitectura, que tenía una relación muy particular con las técnicas. La enseñanza de los ingenieros empezó enseñando las artes militares, los problemas de la defensa y de las fortificaciones, y después paso a los otros campos, a los campos civiles también. Pero esto es como un tipo de enseñanza. Y, después, hubieran otros tipos, por ejemplo el modelo de las academias de bellas artes, donde se enseñaba a través, sobretudoo, del dibujo y también de la pintura, y a través del conjunto de las artes. Entonces estos quedarán como dos modelos que se reunificarán parcialmente.

Pero yo pienso que sí, que es posible enseñar arquitectura, y que es posible enseñarla también desde un patrimonio muy grande de reflexión, porque hay como caminos distintos dentro de la arquitectura. Hay la práctica de la representación y del diseño, y la verdad es que es autónoma con respecto a las construcciones, al mundo de las construcciones. Y hay, después, el mundo construido, que es otra fuente para aprender. Y hay un grande patrimonio de pensamiento y de reflexión, por ejemplo que pasa a través de los tratados. Entonces, todas esas son cosas a aprender que non podemos mesclar, porque son como mundos y experiencias y realidades distintas.

Pero la enseñanza en el campo del proyecto, yo creo que se puede hacer. Tiene un aspecto particularmente difícil, porque el proyecto tiene por la menos una parte individual, y una parte que se refiera a una postura general y cultural, y que es como una grande herencia a la cual el profesor y el arquitecto miran. Y, entonces, hay el problema de como el profesor tiene influencia sobre el alumno. Y la verdad es que es un problema del cual intentaran de escaparse muchísimas escuelas y muchos grandes profesores.

A partir por ejemplo de Gropius, hay esta teoría del método, que el profesor tendría que enseñar el método y no el contenido de arquitectura, no un mundo formal. Yo pienso que esto es un poco como rechazar el problema en una esquina, y no... es como una máscara. Rogers, por ejemplo, que era un grande hombre de cultura en el campo de la arquitectura, en Italia, era el director de una revista importante, Casabella, había heredado esta teoría del método y prácticamente decía que lo que teníamos que defender era la libertad de lo estudiante. El hecho es que el profesor influencia también cuando no quiere, y también cuando piensa de no hacerlo, influencia el estudiante. Entonces tenemos que distinguir, porque hay buenos tipos de influencia y tipos malos de influencia. Esta es otra cuestión sobre la cual tendríamos que razonar, y que es bastante difícil. Pero yo creo que el profesor tiene que enseñar, tiene que tener una influencia sobre el alumno, y debe saber cuándo retirarse, y cuando la enseñanza es la realidad, los edificios, los tratados que la siguen, y que continúan a través de otra cosa, la enseñanza, y mucho menos a través del profesor.

Debe ser enseñado la teoría, o mejor, el pensamiento, porque non sabemos se en la arquitectura existe de verdad una teoría. Entonces es la reflexión, el pensamiento sobre la arquitectura. Es importante que se enseñe también los grandes contrastes, las grandes contraposiciones en el campo de la arquitectura. Vitruvio y Alberti son dos posturas muy diferentes, y son dos posturas, por ejemplo, que nos conciernen también, son como dos posturas que han durado mucho en el tiempo. Entonces, una buena enseñanza debe transmitir muchas cosas distintas, yo creo, a partir de las divisiones reales que hay en el campo de la cultura arquitectónica. Es decir la reflexión, la representación, la realidad construida, que son como mundos distintos. Y que es un esfuerzo impropio intentar de entrelazar demasiado. Porque son como realidades que se enfrentan y que chocan una en contra de la otra.

### **¿Cuáles son las relaciones y diferencias entre la forma en que tomó su propia formación, y lo que usted ahora enseña a sus estudiantes?**

Bien, es una situación que ha cambiado muchísimo. Y hay el problema de las generaciones, que es importante. Porque toda generación tiene una cultura, y una manera particular de enseñar, con respecto a las situaciones históricas. Y a quien son los profesores, es algo que cambia no solo en el tiempo, si no geográficamente, a partir de las distintas culturas que coinciden. Hay una geografía cultural, no solo una geografía física.

Yo frecuenté una escuela en un momento muy muy particular. Yo soy de una generación que ha nacido al final de la guerra, en el periodo súbito después de la última guerra, la Segunda Guerra Mundial. Cuando yo me inscribí a la escuela, era el principio de los años 60, entonces vivía una situación particular, la cual sobrevivía la vieja escuela, que era una escuela académica y profesional. Era fundamentalmente una escuela muy mala, muy dogmática, que se refería solo a los problemas de la práctica. Y viví, en el mismo tiempo, la transformación de la escuela, que estuvo ligada, conectada, mucho también al movimiento estudiantil. Porque hubo una gran revolución cuya conclusión, non la conclusión, pero cui cumbre fue 68. La escuela fue ocupada varias veces. Pero en arquitectura hubo un movimiento distinto, con respecto a las otras escuelas. Porque el movimiento estudiantil en las escuelas de arquitectura se ocupó

mucho de la enseñanza, intentando de transformar la enseñanza. Y hubo una especie de alianza entre un grupo de profesores democráticos, que eran hombres de culturas, entre ellos, por ejemplo, Rogers, el maestro que citaba antes, o Aldo Rossi, que fue sobretodo mi profesor. Y fue revolucionada la enseñanza, con la idea que la escuela debía organizarse a partir de las tendencias, de las posturas culturales de los profesores. Y cambió el modelo de enseñanza, con una relación muy directa entre los profesores y los estudiantes. Pero, sobretodo, decidiendo que los estudiantes debían participar a una investigación, y no solo aprender atreves de una transmisión que venía desde los profesores. Y esto fue un cambio muy importante. Mi maestro, mi profesor, fue Aldo Rossi, de elle aprendí muchísimo.

Hoy es una situación muy distinta, porque las posturas son menos directas y menos entrelazadas, porque hay un individualismo muy grande en el campo de la arquitectura y en el campo del proyecto también. Entonces, las posturas generales y culturales a propósito de la arquitectura son menos reconocibles, quizás. Y la enseñanza es como un problema que se ha complicado. Pero esto es un momento de decadencia de las escuelas de arquitectura, y este es un punto que tenemos que tener en cuenta. Es decir, vivimos una crisis muy fuerte de las escuelas y de la enseñanza. Pero yo pienso que los profesores tienen, en todo caso, una gran responsabilidad, que esta responsabilidad cambia con las generaciones, con los profesores de las distintas generaciones. Y, sobretodo, ha cambiado mucho la cultura del punto de vista de los estudiantes. Cuando yo empecé mi enseñanza, era muy joven, súbito después del diploma. Había una relación muy directa y muy personal con los estudiantes. Porque era como se las culturas y las generaciones fueran muy próximas. Hoy en día esto ha cambiado porque la generación de los jóvenes tiene experiencias muy distintas de nosotros y, yo creo, más dificultad a entendernos. Pero yo creo que este punto es importante, es decir, el intercambio entre las generaciones. Una cultura, y la enseñanza, y una buena escuela, se fundan siempre sobre el intercambio entre las generaciones, entre las generaciones más viejas y los jóvenes. Y es algo que los jóvenes tienen que aceptar. Es más difícil para los jóvenes aceptarlo, que para los que pertenecen a una generación más antigua. Pero es un punto fundamental, este intercambio entre las generaciones.

### **¿Cuál es la diferencia fundamental entre estudiar solo, o únicamente acompañado de libros, y aprender de un maestro?**

Es una cuestión difícil porque, por ejemplo, mi profesor, Aldo Rossi, que era joven cuando era mi profesor, y yo era todavía más joven, es como se enseñara pensando que la enseñanza verdadera tenía que venir desde la realidad, desde el mundo construido y, sobretodo, desde la ciudad. Era una postura que se difundió mucho, se difundió sobretodo en Italia, pero en los países extranjeros también. Fue como una investigación internacional, o por lo menos europea. Y la idea era que era la ciudad que teníamos que estudiar, y la realidad de la cual teníamos que aprender. Entonces, era como una posición, por ciertos aspectos, positivista, o realista. La idea, el profesor contaba, seguramente, pero contaba todavía más la ciudad, como gran realidad construida, como arquitectura ella misma. Entonces, la mitología era que la enseñanza personal debía de ser menos fuerte.

Después, cambió mucho su postura, porque su manera de proyectar, que ya era, fundamentalmente también muy individual, acentuó este carácter individual. Era un

individualismo que tenía como que una herencia muy importante del pasado, pero, Rossi proyectó de una manera siempre más personal. Yo pertenezco a los estudiantes que aprendieran en la primera fase de Rossi, esta más positivista que era representada, por ejemplo, por el primer libro de Rossi, "La Arquitectura de la ciudad". Entonces, esta es una manera de poner el problema de la enseñanza. Y otro problema es el problema de ver cómo construir un mundo formal. Otra enseñanza es como se olvidó a este problema del mundo formal, de las selecciones formales en el campo de arquitectura. Y, después, este problema se pujó como fundamental, como muy importante. Entonces, ahí hay el problema mucho más importante de la influencia del profesor.

Yo creo que individualmente es muy difícil aprender. Porque no es a través de lo individualismo, a través de una relación que pasa solo a través de los libros que se puede aprender. Los libros, yo creo, no son suficientes, un poco por lo que decía antes. Es decir, que en la realidad la arquitectura está constituida de mundos distintos. Los libros son como el mundo del pensamiento, y solo parcialmente, por ejemplo, conciernen al mundo de la representación. El tratado de Palladio, los cuatro libros de Palladio, tienen siempre una página escrita y una página con dibujos. La verdad es que comunican relativamente, la página escrita y la página ilustrada. Pero son como dos realidades que se enfrentan. Entonces, los libros son como una parte solo de la arquitectura, y no la representan totalmente. Y no se puede aprender arquitectura solo a través de los libros. Se aprende arquitectura a través también de los maestros. Y, yo no creo mucho también en la postura de Le Corbusier. Le Corbusier despreciaba un poco las academias, las escuelas de arquitectura. Y pensaba que la enseñanza debía coincidir con la experiencia. Es decir, el viaje, por ejemplo, el contacto directo con las grandes obras de la arquitectura, o con los monumentos, la relación con la ciudad, una idea del avenir, del futuro. Pero Le Corbusier, que dio en Sudamérica, en Latinoamérica, una ponencia muy famosa sobre el problema de la enseñanza, en el cual entra mucho en el mérito de cómo enseñar, pero fundamentalmente quería poco a la enseñanza y a la presencia de un profesor. Entonces, estas son como posturas distintas: la del método, la que piensa que el mundo formal es parte de la enseñanza, que hay una enseñanza también de tipo formal, y la postura de Le Corbusier, que dice que es a través de una experiencia directa y personal que cada uno construye su propia postura y su experiencia en el campo de la arquitectura. Son posturas distintas.

**Recebido** [Jan. 06, 2021]

**Aprovado** [Fev. 01, 2021]